

O DICIONÁRIO

Workaholic

Mario Poy

Centro de Investigaciones por una Cultura de Seguridad
Universidad de San Andrés
Vito Dumas 284
B1644BID-Victoria, Buenos Aires – Argentina
mpoy@udesa.edu.ar

A tradução deste artigo para português foi realizada por
Ricardo Vasconcelos

O uso coloquial costuma designar uma pessoa que ingere álcool em excesso – de acordo com certos critérios científicos e sociais – como um *alcoólico*; pelo contrário, resulta um tanto descabelado (e um tanto desafinado) qualificar alguém que trabalhe em excesso como *Trabalhólico*. No primeiro caso (tomado só a título de exemplo), à raiz da palavra álcool, agrega-se o sufixo – *ico* (da terminação latina *icus*, cujo significado denota a referencia à raiz) formando um adjetivo derivado: *alcoólico*. Logo, este adjetivo pode substantivar-se através do chamado um enfático, neste caso um *alcoólico*. A palavra trabalho, no entanto, não apresenta em castelhano possibilidades similares de adjetivação. Portanto, retém-se com válida a expressão inglesa *workaholic* a propósito da letra W deste glossário, segundo requer a Real Academia Española a respeito da utilização de vozes de procedência estrangeira.

Aprofundando o significado do conceito, a consulta da Enciclopédia Britânica (trata-se de um vocábulo Inglês) indica-nos que se trata de: a) um trabalhador compulsivo; b) um adjetivo: *workaholic*; c) um substantivo: *workaholism*; e d) uma data: 1968 ^[1].

Se se correlaciona a sua *frequência de uso* em determinados circuitos e práticas sociais com o nível de informação aportado, a escassez parece ser o rasgo predominante. E isto torna-se mais evidente quando, na mesma enciclopédia, se compara o dito conceito com outros que, a priori, navegam em águas similares, como os conceitos de *burn-out*, *mobbing* ou *stress*.

Em primeira instância, tanto o carácter compulsivo da ação (daí a fácil associação semântica entre o sujeito *workaholic* e o sujeito *alcoholic*), como a referência bibliográfica que a literatura assinala como fundadora, intitulada: *Confessions of a workaholic: the facts about work addiction* (Oates, W. 1971) sugerem o carácter psicopatológico do problema, mais associado às características individuais das pessoas – as confissões de um professor de religião neste caso – do que às complexas relações que se entretecem entre os indivíduos

e as novas modalidades de organização do trabalho, modalidades estas que, muitas vezes, produzem consequências seriamente negativas sobre a saúde e a segurança das pessoas [2].

Mas também, e sempre dentro de um enfoque comportamental, alguns autores [3] sugerem que existiria uma faceta positiva no *workaholism* que corresponderia aos “Happy Workaholics”. Este atributo psicológico parecia estar reservado àqueles que ocupam posições de liderança gestonária, e permitiria aos seus subalternos distribuírem os seus compromissos e os seus recursos de forma mais equilibrada entre o trabalho e outras dimensões da vida: a família, a comunidade, visando o *bem-estar físico, psicológico e espiritual*.

Outros trabalhos tentam equiparar o fenómeno ao que no Japão se denominou “*Karoshi*”, ou morte por “excesso de trabalho”, apesar de, paradoxalmente, fazerem “l’impasse” do significado do trabalho nesse contexto e da prática social que dele se desprende. Além disso, e já numa lógica de “*despsicologizar*” o problema, o *Karoshi* é reconhecido no Japão como doença profissional pela jurisprudência [4], fenómeno que certamente influenciou a modificação da Lei de Saúde e Segurança Industrial desse País, com o fim de garantir a segurança e a saúde dos trabalhadores no local de trabalho.

Esta forte marca individual na qual se ancora o conceito parece ter o seu correlato na ordem metodológica. Com efeito, os instrumentos de análise limitam-se quase exclusivamente à avaliação, mediante questionários auto-administrados, dos traços psicológicos individuais, gerando uma série de categorias nas quais se enquadrariam as personalidades mais ou menos “workaholics”.

Inversamente, ferramentas destinadas a indagar os aspectos organizacionais e sociais que poderiam estar envolvidos neste tipo de problema são muito menos mencionados e os estudos científicos são, no mínimo, escassos.

Em síntese, o conceito de *workaholic* não parece ter evoluído da mesma forma que outros, como o stress, mediante a incorporação do conceito de factores de riscos psicossociais. Isto mostra claramente a necessidade de enriquecer os modelos quando se trata de compreender as interações entre as pessoas e os contextos nos quais estas têm lugar, e as suas consequências para a saúde e o bem-estar das mesmas.

Notas

[1] Ano em que se registou pela primeira vez o uso da palavra *workaholic*.

[2] Para citar apenas uma referência, Ch. Dejours, na sua obra “*Souffrance en France. La banalisation de l’injustice sociale*” (2009), assinala que “nos países mais avançados” as sondagens mostram a progressiva deterioração da saúde mental no trabalho, afetando entre os 3% e os 6% do Produto Interno Bruto (PIB), de acordo com as estatísticas elaboradas em cada um destes países.

[3] Trata-se de um artigo de Friedman, S.D. & Lobel, S. (2003). The happy workaholic: A model for employees. *Academy of Management Executive*, 17 (3), 87-98.

[4] Segundo a Enciclopédia da OIT, apoiando-se num trabalho de Uehata de 1991 (*Long working hours and occupational stress-related cardiovascular attacks among middle-aged workers in Japan. Journal of Human Ergology* 20(2):147-153), uma parte importante dos casos reportados foi objecto de ressarcimento monetário.

Referências bibliográficas

- Dejours, Ch. (2009). *Souffrance en France. La banalisation de l'injustice sociale*. Paris: Éditions du Seuil
- Diccionario de la Real Academia Española. <http://buscon.rae.es/drae/SrvltConsulta?LEMA=cultura>
- Encyclopedia Britannica. <http://www.britannica.com/bps/dictionary?query=Workaholic>
- Friedman, S. D., & Lobel, S. (2003). The happy workaholic: A model for employees. *Academy of Management Executive*, 17, (3), 87-98
- Uehata, T. (1991). Long work hours and occupational stress-related cardiovascular attacks among middle-aged workers in Japan. *Journal of Human Ergology*, 20, (2), 147-153.

ES

Workaholic

FR

Work alcoolique

EN

Workaholic

Como referenciar este artigo?

Poy, M. (2011). Workaholic. *Laboreal*, 7, (2), 83-85.
<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV658223546;369465922>